

MULHER KATANDERA: PROTAGONISMO SOCIOPOLÍTICO E ESPIRITUALIDADE¹

Adelino Nanque²

RESUMO

O presente artigo é fruto de um trabalho de conclusão de Curso da Licenciatura Plena em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A pesquisa está voltada a compreensão do papel político e social das mulheres katanderas, estas pertencem ao grupo social pepel na Guiné-Bissau, um dos países africanos que tem o português como língua oficial. Por se tratar de um objeto novo no universo acadêmico e de escassa matérias de referências, a pesquisa foi baseada num prisma de entrevistas com as pessoas ligadas as especificidades do povo em questão. Outrossim, contém uma abordagem qualitativa, entrevistas abertas e revisões bibliográficas foram feitas. Com base na coleta de dados, por meio de entrevistas abertas como fonte de dados qualitativos, percebe-se que as mulheres katanderas são protagonistas no seio do seu povo, o que revela que elas não só exercem suas funções a serviço dos seus ancestrais, mas que também respondem por outras questões de renome social e político.

Palavras-chave: etnologia - Guiné-Bissau; mulheres - Guiné-Bissau - atividades políticas; Pepel de Biombo (grupo étnico) - Guiné-Bissau - história.

ABSTRACT

This article is the result of a course conclusion work for the Full Degree in Social Sciences at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The research is aimed at Katandera women who belong to the Pepel social group who live in Guinea-Bissau, one of the African countries that has Portuguese as its official language. As it is a new object in the academic universe and with few reference materials, the research was based on a prism of interviews with people linked to the specificities of the people in question. Furthermore, it contains a qualitative approach, open interviews and bibliographic reviews were carried out. Based on data collection, through open interviews as a source of qualitative data, it can be seen that katandera women are protagonists within their people, which reveals that they not only exercise their functions in the service of their ancestors but that they also answer other questions of social and political renown.

Keywords: ethnology - Guinea-Bissau; Pepel de Biombo (ethnic group) - Guinea-Bissau - history; women - Guinea-Bissau - political activities.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

² Especialista em Estudos Africanos e Representação da África no Brasil pela UNEB. Graduado em Humanidades e licenciando em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa falar de *mulheres katanderas: protagonismo sociopolítico e espiritualidade*. Nota-se que as Ciências Sociais e Humanas na contemporaneidade têm se debruçado muito sobre as lutas das mulheres nas diferentes esferas, quer social, econômica e política. Mediante isso, o artigo busca falar sobre o papel social e político das mulheres katanderas que fazem parte do grupo social pepel na Guiné-Bissau, um dos países africano que tem como a língua oficial o português. Além disso, o artigo tem como propósito falar sobre a história do povo pepel, trazendo à tona a forma como este organiza social e culturalmente a sua coletividade e, por outro lado, reflete sobre a relação que o povo tem com a natureza, território e territorialidade. Dessa feita, sete pessoas foram entrevistadas a respeito da temática e, por conta do sigilo dos seus dados pessoais, decidi usar de códigos para referi-las.

O objetivo fundamental do artigo é o protagonismo da mulher katandera e o seu prestígio tanto no serviço aos seus ancestrais quanto na responsabilidade para com a coletividade pepel e no âmbito político. Acrescentando-se que é importante que pessoas africanas, nesse caso, especificamente, guineenses, possam falar das suas próprias realidades ao invés de esperar alguém falar por nós, porque, de certa forma, corre-se o risco de distorção das nossas realidades. Falar desse assunto é mostrar, também, a forma como o povo pepel se organiza. Desde antes da chegada do invasor europeu, o povo pepel já tinha sua forma de organização social. Apesar de algumas práticas terem sofrido alterações, algumas se mantiveram vivas.

Ademais, frisa-se que, durante a minha investigação, não achei nenhum trabalho feito com esse tema de pesquisa. Por essa razão, usa-se entrevistas com pessoas mais velhas que têm experiências sobre o assunto e também coletamos os dados com algumas mulheres katanderas a respeito do tema. Outrossim, realizou-se revisão bibliográfica assim como trabalho de campo por meio de entrevistas e de interpretação dos textos, o que me outorga ir além na análise prático-teórica a partir de experiências tangíveis. Portanto, trabalha-se com duas seções: inicialmente com a relação de poder nos arranjos da tradição pepel e, em seguida, na esfera prática, o poder feminino a partir dos conceitos de matrilinearidade e matriarcado.

2 MULHER KATANDERA

As atividades das mulheres katanderas são inerentes ao povo pepel, de modo que seria impossível falar do povo em questão sem levar em conta essas mulheres. Em outras palavras,

falar de mulheres katanderas é falar da vida e liderança, devido a conexão que o povo tem com os seus antepassados e oferendas que são feitas por meio dessas mulheres em forma de rituais. Para atender as demandas deste artigo, procura-se, com base nas entrevistas, compreender o significado dessas mulheres na cultura pepel. Uma entrevistada aponta: “*ser katandera não é coisa do diabo, como muitos pensam, mas, sim, é cuidar, curar e ensinar a sua comunidade os ensinamentos que os seus antepassados deixaram de forma oral*” (A1, 58 anos, Katandera).

Nesta mesma ótica, sobre a noção de mulher katandera A2 (39 anos, irmão de Katandera) declara:

Sobre katandera, vou te dar um exemplo bem prático da minha família, minha mãe era pepel de Bijimíta e foi para Safim para servir de katandera conforme a sua linhagem. Depois da morte dela, a minha irmã mais velha foi para esse mesmo lugar com o mesmo objetivo de servir aos seus ancestrais, o que pode resultar na filha da minha irmã ser katandera se porventura a minha irmã vier a falecer. Se no caso, a minha irmã ou qualquer uma dessas katanderas não tiverem filhas, se um tio ou tia dessa mulher tiver filhas essas podem servir.

Por outro lado, percebe-se que não é do nada que a pessoa pode ser katandera, mas exige-se todo um processo em torno disso que ainda vou falar adiante. Acontece que, quando há um sinal, os familiares vão procurar saber na *baloba*. *Esse* é um lugar considerado sagrado para esse povo, que serve para interação com os seus antepassados, lugar onde muitas cerimônias são feitas, mas também serve como um lugar de ensinamentos, contos, danças, cânticos e de incorporação das suas divindades. Existem casos que os familiares descobrem muito cedo, antes de ser dado um sinal, porque as pessoas vão às balobas para consultar o sobrenatural; existem situações em que a pessoa vai procurar saber de uma coisa, mas acaba sabendo de outra coisa que não esperava. Ao descobrir que alguém da sua família precisa cumprir com esse chamamento ritualístico, sempre é feito compras de algumas coisas que servirão de uso no ato cerimonial, nesse espaço sagrado, e no cotidiano dela, após ir para a casa da pessoa de linhagem por um período de 12 dias.

Bem como as vestimentas dessas mulheres, interessa descrever a forma pela qual elas se vestem. Após saber que algum membro da família precisa passar por esse processo, são informados ou de antemão, eles já vão sabendo os itens necessários para realização do ritual. A3 (52 anos, Katandera) afirma que:

As roupas que nós vestimos enquanto katanderas, não são simples pedaços de tecidos, mas sim, tem os significados (...) usamos vestido branco longo, que simboliza paz para a nossa comunidade, usamos um manto vermelho, amarramos ele nas nádegas, também usamos turbante na cabeça que, para nós, significa coroa, além de facilitar a distinção com outras mulheres, também mostra a nossa beleza. Katandera precisa

ficar descalço por doze dias, as oferendas são dadas no ritual, a cozinha está presente nesse momento e a mulher é encarregada disso, mas não como uma função inferior, mas como uma função primordial.

Falando desse processo ritualístico, Mariza Peirano (2001) afirma o seguinte:

Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais. Esta afirmação pode ser inesperada para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana. Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de sociedades históricas, da vida na corte europeia por exemplo, ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós, a inclinação inicial é diminuir sua relevância (PEIRANO, 2001, p. 07)

Mediante isso, vale frisar que diferentemente das outras denominações, em que o livro sagrado é o mentor e dita as regras sociais, para o povo pepel, não há o livro escrito em formato impreso para seguir, mas, sim, os ensinamentos são passados por via oral e as histórias são sempre contadas de geração a geração. Para tanto, entende-se que as mulheres katanderas têm o papel de invocar os seus divinos por meio de rituais. Os divinos são consultados nas *balobas* por essas mulheres quando acontece a sacralização dos animais. Cachaça é fundamental, pote de barro e garrafa pequena. Na hora da morte, o corpo dessa mulher já tem um lugar destinado para ser sepultado e não é no cemitério. Os animais sacralizados servem para muita coisa, isto é, os ossos, sangue e coros dos que têm. A água é importante, pois quando não tem cachaça é usada no seu lugar. Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais (NUNES, 2001). Nesses rituais, essas mulheres possuem responsabilidades e representatividade quer nas decisões políticas quer na arena econômica e social.

É imprescindível pensar o povo pepel, levando em consideração a questão de clãs/linhagens, pois é através dessas linhagens que as katanderas vão se legitimando. Como foi dito logo na introdução do artigo, as katanderas são mulheres que servem aos seus ancestrais por razão de linhagens, e não só, mas também desfrutam de um prestígio social e político. Ora, como veremos na imagem mais abaixo, os potes de barro que ficam ao ar livre, exatamente nas *balobas*, servem para que os antepassados possam beber neles e, na hora de fazer cerimônias, as pessoas possam usá-los. Assim, quem passa por ali pode beber dessa água, mesmo sem ser membro desse grupo.

Diante disso, A7 (46 anos, filho de Katandera) disse:

Katandera para mim significa barriga, parece uma definição meio engraçada, né, meu filho?! Mas é verdade, katandera sai pelo clã da mãe, você sabe que na nossa língua não tem palavra tio, nós falamos de sua mãe homem, só para você ver, irmãos

da mãe dos meus filhos têm muito direito sobre os meus filhos. Então, dando um exemplo dos meus parentes, meus pais eram de uma região, que você me conhece, saíram de lá e foram morrer na outra, chegou o momento em que tudo dava ruim no seio da nossa família. Os familiares foram procurar e descobriram que aquela terra não poderia ficar sem a nossa linhagem, foi por conta disso que a minha irmã mais velha voltou para lá passando por processo de katandera. Para nós, a terra é sagrada, não pode chegar em um lugar e achar que é seu, não brincamos com a terra, porque tudo tem seu sentido.

De acordo como Beauvoir (1970), no seu livro intitulado “o segundo sexo”, a autora parte de pressuposto de que a mulher não é o “segundo sexo” ou o “sexo-frágil” por razões congêntas e imutáveis, mas sim por uma série de processos sociais e históricos que criaram esta situação, principalmente, no continente europeu. Vale frisar que ela é autora da célebre frase: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Nessa frase, a intelectual defende que as hierarquias de poder e dominação entre homens e mulheres são socialmente construídas e, por isso, dependem do contexto econômico, geográfico e político onde estão inseridas. A determinação de papéis sociais entre homens e mulheres, na visão da autora, acaba, em contexto ocidental e europeu, gerando uma hierarquia entre ambos e sendo vista como algo nato e que não precisa ser desconstruído. Em contexto africano, especificamente, no povo pepel, em Guiné-Bissau, as katanderas mostram que, diferentemente do contexto europeu, as mulheres ocupam uma posição de protagonismo político, econômico e social.

Bhabha (2005), propõe uma discussão sobre o sujeito colonizado e o colonizador, levantando questões sobre como se dá a construção do discurso de poder que assegura a dominação e superioridade de um povo sobre outro. Dialogando com esse autor, percebe-se que, atualmente, apesar de o colonizador não existir fisicamente nos nossos territórios, ainda é perceptível a colonialidade deixada por ele que, de uma forma a outra, acaba criando discursos que subestimam culturas distintas da européia. Bhabha fala de “hibridismo”, pois para ele, o mundo no qual vivemos, não pode continuar pautado por uma visão dicotômica, isto é, eu/outro, feio/bonito, civilizado/barbárie e cultural/ não cultural. Mediante o que foi expresso, importa dizer que katanderas são mulheres que pertencem a um grupo social que foi colonizado. O que me faz concordar com o autor supramencionado sobre a forma pela qual os colonizadores construíram discursos que determinaram e deslegitimaram os povos não europeus, isto é, os seus modos de vida e crenças foram descritos de forma completamente estereotipada.

Neste mesmo raciocínio, convido o filósofo brasileiro para contemplar a minha fala. Nascimento (2016), em sua obra *Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis*, fala sobre o *candomblé* como modo de vida. Em consonância com o que Bhabha (2005) disse sobre a negação das virtudes dos povos não europeus, o filósofo em questão defende ideia de que o

candomblé - apesar de lhe ser negado seu status de religião, vista, por muitos, como coisas do diabo – é uma manifestação cultural que, a despeito de ser (ou não) reconhecida como uma religião, é, e vai continuar a ser, um legado do seus ancestrais, pois não precisa de uma religião como sugere a palavra religião, pois, como ele afirma, “a gente já nasce conectada aos nossos ancestrais”.

Ao pensar a relação entre as mulheres katanderas e o candomblé, vale lembrar Correia (2017) quando ele analisa a importância das mulheres do candomblé no desenvolvimento da cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano. Ele afirma que “a ação das mulheres do candomblé, em suas múltiplas atuações, esteve e está muito relacionada a história de Cachoeira desde a sua fundação como cidade até os dias atuais por meio da promoção e valorização das tradições de matriz africana” (CORREIA, 2017, p. 198).

Esta citação nos remete a refletir sobre a função das mulheres katanderas e nos incita a compreender a importância não apenas do seu papel enquanto liderança, mas enquanto agente de resistência e desconstrução de uma ordem machista colonial, que se entende como centro de tudo e universal, ao passo que deveriam levar em conta que cada povo tem sua cultura. Com base nisso, não seria possível falar de povo pepel sem considerar o protagonismo das mulheres katanderas, porque suas práticas são frutos de uma batalha para a preservação da memória ancestral e têm a fascinante função, dentro e fora das *balobas*, de organizar as cerimônias ritualísticas, de comunicar com suas entidades sagradas, protagonizando ações sociais e políticas.

3 BALOBA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO COM OS SOBRENATURAIS

De acordo com Gonçalves (2021), o terreiro é um espaço sagrado cujo geossimbolismo leva anos para ser construído, obedecendo à lógica dos orixás. Além disso, ele afirma que os rituais do candomblé são realizados em templos chamados casas, roças ou terreiros que podem ser de linhagem matriarcal (quando somente as mulheres podem assumir a liderança), patriarcal (quando somente homens podem assumir a liderança) ou mista (quando homens e mulheres podem assumir a liderança do terreiro).

Mediante essa exposição sobre o terreiro de candomblé como sendo um lugar de exercício de uma prática sagrada do “povo brasileiro”, não seria diferente falar de *baloba* para os pepel, porque esta é intrinsecamente ligada às suas manifestações culturais e práticas sagradas. Baloba é um espaço em que a comunidade pepel se encontra para conversar com os

seus “divinos”, quer fazendo pedido por uma causa ou agradecendo por um motivo. Nela, realiza-se rituais quer de passagem ou de outra natureza. Nesse quesito, as katanderas são responsáveis para estabelecerem as datas que cada cerimônia/ritual precisará ser realizada; elas têm por direito de indicar as *balobas* exatas onde cada um deve ser feito levando sempre em conta a questão de linhagem, em outras palavras, os rituais não acontecem da mesma forma, depende de caso a caso e de baloba a baloba. Tudo isso vai sendo conduzido por essas mulheres, pois estas têm a conexão com poder ancestral.

Sobre o poder ancestral, recordo-me da minha experiência ao cumprir o ritual de *fanado*³. Minha avó me levou nas balobas da minha linhagem para fazer pedido de proteção para comigo. Naquela trajetória de pedir proteção e licença, me levou numa baloba, vi que ela pegou numa vara e começou a bater em um tronco de uma árvore de lá. Eu lhe perguntei o porquê disso. Ela me disse: “*os mortos são como nós, têm toda uma característica que você não imagina. Nessa baloba, o patrono é mudo, para conversar com ele, precisa desse gestual*”. É um dos conhecimentos que eu me lembro até hoje, apreendido com minha avó, e que me proporciona um olhar muito mais atento para a cultura do meu povo, graças a um pouco que eu pude coletar dela antes da sua morte e graças ao embasamento acadêmico para com a veneração de qualquer tipo de manifestação cultural. “(...) cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos” (SANTOS, 2006, p. 2)

³ Fanado é uma prática que se faz nesse povo para ter algum prestígio social, isto é, para poder tomar parte em algumas decisões da comunidade, mas não se aplica para mulheres, apenas nos meninos.

Figura 1 - Baloba com potes de barro que as katanderas usam para colocar água



Fonte: Santimira Cá (2022).

Parece indiscutível que cada povo da humanidade, independentemente da sua raça, cor e religião, tem sua forma de organização social. Mediante esta citação e esta imagem ilustrativa, percebemos que os *potes* de barro estão ao ar livre, sendo este o lugar sagrado para toda a comunidade pepel, chamado de *baloba*. Como foi dito antes, a *boloba* é um espaço onde é realizado várias cerimônias, muitas vezes protagonizadas por mulheres *katanderas* ou por *baloeiros*. É nesse lugar que, quando uma mulher vai servir de *katandera*, realiza-se todas as cerimônias que lhe legitimam o direito a um prestígio social e comunitário.

Contemporaneamente, fala-se da noção do protagonismo das mulheres nas esferas sociopolíticas (HOOKS, 2019). No povo pepel, pode-se perceber o protagonismo das mulheres *katanderas*. Em muitas narrativas ocidentais, as mulheres são vistas como passivas e menos inteligentes. Em muitos países ocidentais, até recentemente, as mulheres não podiam votar e serem votadas. Tais práticas e concepções colocam as mulheres, em determinados contextos sociais, numa posição de subalternidade (SPIVAK, 2010). Muitas vezes, as sociedades encaram essas práticas como se fossem congênicas. Antagonicamente, essas concepções são construções sócio históricas que podem ser desconstruídas (BUTLER, 2008). É sabido que nenhuma coletividade humana é fixa, as sociedades humanas mudam no tempo e no espaço.

Diante do exposto, percebe-se que as espiritualidades africanas, de forma geral, ancoram-se em divindades femininas que trazem a fertilidade, a prosperidade e o equilíbrio. Estas concepções cosmogônicas dão grande peso ao feminino, diferente das religiões monoteístas que exaltam um Deus único, pai criador, associado ao masculino. Assim, percebe-se a centralidade destas mulheres na esfera das espiritualidades assim como o protagonismo delas no universo econômico, social e político.

Ao analisarmos o contexto de vida do povo pepel, nota-se sua relação com a natureza. A maior parte das suas crenças são professadas sob as árvores de grande porte (corpulento). Como havíamos mostrado acima, os potes de barro ficam praticamente ao ar livre, junto das árvores, porque, para eles, as pessoas mortas, mesmo desaparecendo fisicamente, continuam vivas em forma de espiritualidade. Por razão dessa encarnação, a comunidade pepel, de modo geral, sente a necessidade de fazer bem ao próximo, principalmente com o cuidado coletivo, isto é, a solidariedade para com o outro, disponibilizando água para os espíritos ancestrais

De acordo com Krenak (2019), no seu livro intitulado “Ideias para adiar o fim de mundo”, os povos indígenas têm uma relação forte com a natureza de modo que é impossível a sobrevivências dos indígenas sem a natureza, pois, nela, professam a sua fé, tiram os remédios de cura tradicional e alimentos. A crítica desse intelectual brasileiro está centrada na questão da capacidade humana de autodestruição em vista da exaustão pela exploração excessiva da natureza. Na visão do autor, a capacidade de adiar o “fim do mundo” estaria, enfim, ligada à resiliência, à qualidade de não desistir. Tal característica espelha a luta dos nossos povos originários que resistem e insistem em adiar o fim de seu mundo, da sua cultura e da sua organização social.

Como os povos indígenas, o povo pepel tem uma relação íntima com a natureza. As balobas não são erguidas em qualquer porção da terra, tudo se move por um significado ancestral. A terra também serve para agricultura familiar, espaço onde alimentos são plantados, a forte cura tradicional é ainda vigente, então as plantas servem para esse fim. Vale salientar que, antes de começar o plantio, são realizadas algumas cerimônias pedindo a licença dos ancestrais para uso das terras, ou seja, a terra não é só o que foi mencionado, é, além disso, um elemento fundamental para que possam manifestar as suas identidades culturais por cima de todo o espaço aonde espíritos dos seus antepassados descansam.

Figura 2 - Árvore corpulenta, chamada poilão, de muita veneração guineense



Fonte: Pedro (2011).

Tendo em vista esta imagem e também com essa fala de Ailton Alves Lacerda Krenak (2019) com relação a sua etnia indígena crenaque no Brasil, podemos pensar na relação do povo pepel com a natureza, pois muitas cerimônias são feitas com base nos fenômenos naturais, principalmente a árvore de grande tamanho chamada de Poilão. Notório que o Poilão, apesar de ser uma árvore de grande porte, não serve apenas para extrair as suas raízes e caules para efetuar curas, mas, sim, a sua utilidade vai ainda além, porque para o grupo em causa, a árvore é um lugar sagrado, pois é nele que se realiza as suas crenças, isto é, diversos processos de iniciação acompanhados dos ritos. Em outras palavras, as encarnações ancestrais não só sentidas nas balobas, também se configuram nessas árvores. Através da oralidade, as katanderas vêm deixando essas informações de geração a geração sobre esses lugares extremamente importantes para com as suas cosmovisões.

Os estudos de Rolemberg (2021) também mostram que “os mortos são gente como outros”. Isso nos convoca a uma reflexão a respeito da relação que o povo pepel tem com os mortos. Eles tratam com todo o respeito o corpo da pessoa quando morre. Por exemplo, no momento antes de ser sepultado, a presença dos familiares e de amigos/as é fundamental, pois cada um quer dar a último adeus, levando muitos panos. As pessoas acreditam que os materiais

levados para a pessoa morta não seriam apenas para cobrir o corpo, mas, sim, serve como uma opulência que a pessoa está levando para outra parte do mundo.

Diante de diversidade étnica vigente na Guiné-Bissau, às vezes, pessoas de outros grupos sociais questionam/criticam a forma pela qual o povo pepel trata os cadáveres, essa inquietação deve-se ao fato das pessoas colocarem muitas roupas no momento de sepultar seus entes queridos. Importa frisar que cada um tem a sua forma de enxergar o mundo, pois tudo isso tem a sua explicação, mas, para quem não faz parte do grupo, pode causar estranhamento. O estranhamento pode surgir a qualquer instante, mas não deveria servir como ponto de crítica ou de subestimação de costumes e tradições que não são as suas.

4 MANIFESTAÇÕES ATUAIS DE REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES KATANDERAS

A imagem abaixo nos mostra um grupo de mulheres, em uma manifestação cultural, representando as mulheres katanderas. Na Guiné-Bissau, a festa de carnaval se celebra em quatro dias em todo o país. No primeiro dia, as regiões que compõem o país fazem algumas celebrações infantis e, no segundo dia, todas as regiões do país vão para o setor autónomo de Bissau, para disputar um prêmio. Esse carnaval é organizado pelo ministério de cultura. Esta imagem, se refere ao carnaval de 2020, ocorrido na região de Biombo, predominantemente, pelo grupo social pepel. Nessa manifestação, cada grupo, ou seja, cada região, tem as suas estruturas organizacionais. No âmbito do carnaval, cada região tem o seu presidente junto dos seus elencos que vão organizar os seus ensaios para que no dia do desfile possam participar e mostrar as suas manifestações culturais.

Figura 3 - Carnaval 2020 na Guiné-Bissau Região de Biombo



Fonte: Carnaval Regional (BIOMBO, 2020).

Essa representatividade na atualidade é muito visível, porque vestir-se como katandera, há anos atrás, não era fácil. Digo isso, porque as vestimentas eram vistas com um olhar estereotipado, as katanderas e suas vestimentas eram vistas por pessoas de outras etnias como coisa do diabo. Essa visão é fruto da colonização, de entender as nossas estruturas organizacionais e o nosso modo de crença como folclórico ou inferior. Mas, na atualidade, as mulheres se orgulham de se vestir como katanderas.

Essa representatividade extrapolou as fronteiras. No começo do ano de 2022, os dois cantores de “músicas tradicionais pepel”, conhecidos com os nomes artísticos “Djenis de Rima” e “KK”, fizeram turnê na Europa, principalmente em Portugal. Naqueles concertos, a representatividade dessas mulheres foi substancial, pois não só quem é pepel e Katandera se vestiu como tal. Houve uma representação positiva dessas mulheres nesses concertos que promoveram visibilidade a uma rica cultura de um povo que tem suas mulheres como protagonistas. Friso que os músicos, acima mencionados, trazem diversos conteúdos nas suas músicas, estes são cantados ou expressos, em sua maior parte, na língua pepel. O estilo musical chamado “*cansarê*” tem todo um ritmo que comove a comunidade, principalmente no momento de fazer cerimônias nas balobas, as músicas são cantadas invocando a espiritualidade. Na atualidade, esses cantores estão fazendo os seus concertos levando a cultura pepel a um nível de visibilidade.

5 ESTRUTURA SOCIAL DO POVO PEPEL E AS MULHERES KATANDERAS

Antes de falar de estrutura desse povo, gostaria de problematizar o conceito de cultura. Cultura é uma categoria que invoca interesse interdisciplinar e, por isso, não é de simples definição e requer um trabalho a partir de distintos enfoques e usos. Para Botelho (2001), a cultura é definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais. Ela se produz “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTELHO, 2001, p. 2).

Para entender o povo pepel, cabe falar de Guiné-Bissau, o país onde esse povo se encontra.

A República da Guiné-Bissau possui uma superfície de 36.125 km², situa-se na costa ocidental da África, faz fronteira ao Norte e a Leste com a República do Senegal e ao Sul com a República da Guiné-Conakri. Além desta área continental, há também uma área insular: o arquipélago dos Bijagós e as ilhas de Canhabaque, de Pedro Álvares e de Bolama. De seu território total, 24.800 km² são efetivamente habitáveis, já que boa parte da geografia do país é constituída por um enorme pântano banhado por rios (PIRES, 2021, p. 03)

Como base nisso, o povo pepel é um grupo social que se encontra na Guiné-Bissau, um país repleto de diferentes grupos étnicos, em que cada um desses grupos tem a sua forma cultural. Mediante essa diversidade cultural, pepel é mais que um povo, mas, sim, refere-se a expressão de um tronco linguístico que relaciona os povos que se comunicam por meio da sua língua própria, tem suas danças e cânticos tradicionais. Falando da língua pepel, vale ressaltar que, no país, a língua portuguesa é tida como a oficial, crioulo é considerado a língua nacional e, por fim, os grupos têm falado suas línguas locais. Apesar de tanto impacto da “modernidade”, muitos continuam falando suas línguas, como no caso do povo pepel.

O grupo se encontra em todas as regiões do país, mas, predominantemente, no setor autônomo e na Região de Biombo, o que resulta na sua variedade linguística. A4 (60 anos, chefe da comunidade pepel) afirma:

Você sabe, né, que os brancos não trataram nada bem a gente (...) mudaram muitas coisas boas que tínhamos, queriam destruir as nossas crenças, mas continuamos praticando os nossos costumes, diziam que não prestavam e nos obrigavam a seguir os deles. Vou te dizer que a colonização tem impacto significativo em nós, como você pode ver, deram nome para a gente papel porque recusávamos pagar impostos. Como é possível alguém chegar na sua terra e querer te obrigar uma coisa dessa? Quando a gente ia levar os papeis para devolver para eles, começavam a nos chamar: ‘estão vindo os papeis’. Foi a partir desse momento que o nome ficou, em crioulo se chama de

pepel, mas nós nos autodenominamos de bossau e essa denominação varia de região para região. Vou te dar exemplo, pepel que mora em antula, é denominado de pepel de antula.

De acordo com Pires (2021), a legitimidade das autoridades tradicionais assenta-se na linhagem, tendo no culto aos antepassados a característica marcante da sua religiosidade. Desse modo, a linhagem constitui o principal critério para legitimação do poder tradicional, que é concedido pela comunidade. A legitimidade do chefe tradicional Pepel assenta-se no fato do mesmo pertencer à linhagem dos primeiros habitantes de um determinado território. Todas as outras linhagens, que foram residir na mesma região, reconhecem a legitimidade desta linhagem e a respeitam. A linhagem do chefe advém do primeiro grupo que teve seus filhos nascidos no território e também o primeiro a ter seus mortos ali enterrados, o que lhes dá uma ligação forte com a terra. Tal fato é extremamente relevante para uma sociedade predominantemente agrícola (PIRES, 2021, p. 15).

Partindo desse pressuposto, a Guiné-Bissau possui uma herança cultural bastante rica e diversificada. Cultura essa que varia de um grupo social para outro, passando desde a diferença linguística, a dança, a expressão artística, a profissão, a tradição musical até as manifestações culturais. Em se tratando de culturas tradicionais africanas, muito se preservou. Ademais, vale ressaltar também que boa parte destas culturas são baseadas em tradições orais, o que não significa ausência de escrita. (PORFÍRIO, 2022).

Diferentemente da cultura ocidental, no grupo social pepel, quando se fala da divisão social de trabalho, as mulheres têm um papel fundamental de grande prestígio social. Isto é, no caso de Katandera, a pessoa de sexo feminino escolhida para ser katandera, no sentido de servir os *osai*⁴ e de representar os seus familiares em várias ocasiões tradicionais, é uma das partes que se soma aos diversos arranjos que estruturam a cultura pepel.

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2019) na sua obra “Divinizando o conhecimento: a questão do homem em Ifá”, traduzida por Aline Matos da Rocha, defende a ideia de que a organização social ioruba primordialmente era um sistema baseado na senioridade (idade/velhice). A tese do livro em questão desafia a ideia de que a categorização de gênero é congênita e universal à condição humana. A autora mostra que a categoria social de gênero não possui caráter ontológico no ethos ioruba. Assim, a presença de construções de gênero identificáveis na linguagem, na história, e nas instituições sociais são, na melhor das hipóteses, evidências de

⁴ Osai é uma entidade considerada sagrada que incorpora nas balobas e a interseção com o sobrenatural é feita por seu intermediário.

mudanças sociais recentes e, na pior das hipóteses, confirmação de uma imposição estrangeira. A senioridade privilegia as relações sociais ao invés do tipo de corpo.

Não é à toa que o intelectual malinês Hamadou Hampâté Bá (2019), nos diz o seguinte: “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Em conformidade com essa frase, a cultura do grupo social pepel passa necessariamente por essa direção, pois os ensinamentos são passados por meio da oralidade por uma longa tradição. Ora, a religiosidade pepel está intrinsicamente ligada à própria cultura. Nesse sentido, uma katandera é muito fundamental para as práticas culturais desse povo, porque é aquela pessoa que, necessariamente, representa os seus familiares (linhagem) e *osai*. Elas têm um prestígio simbólico. Essa representatividade não é por acaso, é nítido que as categorias “homem” e “mulher” são construídas na perspectiva europeia com intuito de fundamentar as hierarquias sociais como se fossem fenômenos congênitos e não socialmente construídos.

Falar da organização social do povo pepel remete falar dessa força das katanderas no que tange a questão jurídica. Quando o assunto é justiça, há casos que são resolvidos na comunidade por essas mulheres junto do poder local. Por exemplo, acontece que alguém morre ou passe por acidente ou uma situação constrangedora, nessas situações, essas mulheres são acionadas. Elas são procuradas para resolver aquela situação como responsáveis pela manutenção da paz na comunidade e de resolução de problemas que não precisam ir aos tribunais. Há situações em que até o Estado, como instituição máxima, orienta as pessoas a resolverem alguns problemas junto dessas mulheres.

Vale ressaltar que ninguém nasce Katandera e, para tonar-se, os familiares recebem um aviso, ou seja, um tipo de sinal por parte do divino. Assim, os familiares precisam ir para as *balobas*, esse espaço onde o povo vai para consultar os seus orixás, e saber de alguns acontecimentos inexplicáveis por seres humanos mortais, porque não é qualquer mulher que passa por esse ritual de passagem, tudo se baseia nas linhagens. Em outras palavras, não é espontânea a constituição de uma mulher Katandera, paradoxalmente, esse tornar-se é moldado pelas ligações ancestrais relacionadas a guardiã da linhagem.

Muitos antropólogos e pensadores europeus e coloniais do século XIX, como Friedrich Engels, colocaram a população africana e as suas culturas numa situação de subestimação que, até os dias de hoje, resultam em uma imagem negativa do continente africano, isto é como “um continente repleto de doenças, fome e miséria”. No que diz respeito ao olhar de Engels e Bachofen para o matriarcado e matrilinearidade, Oliveira (2018) afirma que:

O matriarcado era por estes pesquisadores associado à poliandria, mostrando ser esta uma forma de organização promíscua. Estas pesquisas também associavam o matriarcado às posições de autoridade política ocupadas por mulheres e o colocava como um sistema oposto ao patriarcado. A matrilinearidade era reconhecida como justaposta ao matriarcado, gerando assim a concepção de que as sociedades que tinham esta forma de organização estariam em um estágio primitivo de evolução e que a paternidade era desconhecida nos grupos com menor complexidade socioeconômica e isto colocava as mulheres em uma situação de poder dentro desses grupos (BACHOFEN; ENGELS, 1984 apud OLIVEIRA, 2018, p. 319).

Diante disso, dialogamos com o antropólogo e historiador senegalês na sua crítica sobre a forma como esses estudos foram construídos, sem nenhum embasamento científica, associado a visão de progresso e de uma organização primitiva ligada ao matriarcado e a matrilinearidade. Neste caso, é de fundamental importância trazer essa perspectiva para realizar a crítica ao eurocentrismo. Concorde-se com a defesa do Sall (1989) e Nascimento (2009) de que a organização matrilinear não consistia em um domínio da mulher sobre o homem, mas sim em uma divisão dos direitos e responsabilidades, fazendo com que houvesse um equilíbrio na organização do Estado.

Mediante isso, percebe-se que a divisão social de trabalho não tem nada a ver com a questão de gênero e muito menos de hierarquia fundamentada no sexo. Nela, pode-se perceber que as pessoas tomam parte em algum trabalho. Por exemplo, as crianças mais velhas ficam com os irmãos mais novos enquanto os pais vão trabalhar para manter a casa, as pessoas mais velhas, independentemente de gênero, também desempenham um papel importante no cuidado da casa, tomando conta das crianças enquanto os pais vão trabalhar, a função ainda se estende, porque assumem o papel de ensinar essas crianças a realidade da vida, como se integrar na sociedade, contam histórias, provérbios que ajudam essas crianças a crescerem de uma forma saudável para a sua integração na vida adulta.

Em outras palavras, o povo pepel tem uma organização não hierárquica baseada na horizontalidade. A tomada de decisão na comunidade não está centrada apenas numa pessoa ou apenas num certo grupo, os espaços de poderes interagem e cada um tem a sua função que se complementam entre eles. Mulheres, homens, idosos e crianças têm suas funções sociais sem nenhum fundamento biológico, mas, sim, com base na sua posição no sistema cultural.

No que tange a morte para o povo, A5 (68 anos, Avô de uma katandera) disse o seguinte:

Na nossa crença, ossai serve como (intermediários) entre Utchi (o sobrenatural) e a comunidade, também as nossas divindades são indissociáveis dos cultos que nós prestamos aos nossos ancestrais. Por conta disso, acreditamos na vida após a morte, temos certeza de que quando uma pessoa morre, ela vai para outro mundo, por isso que a gente não pode deixar de fazer nossos rituais ainda vivos, tratamos bem o corpo antes de ser sepultado. Muitas vezes, as pessoas que não conhecem os nossos

costumes, falam 'ah esse povo joga toda as fortunas nos túmulos para uma pessoa já morta!', mas eu te digo, é porque eles não entendem que, para nós, não existe morto, quer dizer, mesmo se alguém desaparecer fisicamente, a gente continua sentido a presença dela e, no outro mundo, acreditamos que está ao lado dos seus ancestrais.

Rolemberg (2021), no artigo “Pesquisar junto aos mortos”, nos traz uma reflexão sobre a temática da morte. De acordo com essa pensadora, “os mortos são gente como os outros”, ela mostra a forma como determinado povo se comunica como os defuntos. Ela insiste sobre a familiaridade das relações com os mortos, sobre o fato de que possamos ter relações com os mortos com o mesmo caráter de familiaridade daquelas que podemos ter com os vivos. Ela indica, ao mesmo tempo, que os mortos são, assim como os vivos, diferentes uns dos outros. Em outras palavras, ela permite vislumbrar a forma pela qual um povo pode se comunicar com os seus mortos, reduzindo a distância entre ambos.

Bem como, A6 (60 anos, representante comunitária) fala que:

Antes de morrer a pessoa precisa fazer cumprir com o que foi deixado por seus antepassados para que, quando morrer, a reencarnação não seja ruim, o que pode causar má nascença na criança. Vou te dar um exemplo, se eu vivia matando, estuprando mulheres, quando eu morrer e na hora de reencarnar na vida de uma criança da minha linhagem, vou voltar com esse mesmo caráter. Isso que estou falando com você é verdade, conheço muita gente que os seus antepassados reencarnaram nelas, podemos ver essa reencarnação não apenas no aspecto comportamental, mas também no aspecto físico. Se a pessoa tivesse um problema físico, na hora de voltar para o mundo dos vivos, retorna com as mesmas características e torna fácil de a gente o reconhecer. Para nós, ninguém morre.

Vale salientar que todos os pepel tem *cui*⁵ porque quando nasce uma criança, os pais costumam ir nas balobas para consultar os seus sobrenaturais de que *cui* a criança pertence. Há situações em que pessoas de outras etnias têm filhos com pessoas da etnia pepel, nesses casos pode acontecer da relação com os sobrenaturais ser pouco reconhecida. O povo pepel acredita, entretanto, que em forma de sinal os familiares acabam sendo avisados e são obrigados a fazer rituais para a concessão de *cui*.

Além disso, todo mundo tem o seu *osai* que é uma entidade intermediária entre a comunidade e o sobrenatural. Na hora de cumprir um ritual, antes de mais nada, precisa dar oferendas e pedir licença aos seus ancestrais para depois realizar o ritual, rituais que te legitimam enquanto integrante do grupo, porque, na tradição, existem cerimônias que precisam ser feitas para que a pessoa possa se sentir grande mesmo tendo idade menor. Assim, elas podem

⁵ *Cui* diz respeito à encarnação das pessoas mortas nos seus familiares. Em outras palavras, a veneração pelos mortos se dá nesse prisma, pois o povo pepel acredita que mesmo que a pessoa morra sempre continuará viva no seio deles em forma de encarnação. Por exemplo, se o meu avô/avó morrer, pode reencarnar no meu filho sendo dotado das suas características físicas ou comportamentais, isso serve de motivo de euforia pois se diz que tal sujeito morreu mas voltou, isso para eles significa *cui*.

participar de outras práticas. Sem esse processo de socialização, muitas das vezes, a pessoa não consegue se sentir parte integrante da coletividade pepel.

Também vale frisar que, apesar desses grupos sociais guineenses terem manifestações culturais em comum, também têm suas diferenças culturais, o que pode ser visto nessa categoria de mulher katandera. Na Guiné-Bissau, o único povo que tem esse ritual como uma manifestação cultural é o povo pepel. Importa dizer que antes da chegada do cristianismo e do islão, geralmente os guineenses, e especificamente o povo pepel, já praticavam os seus rituais que, hoje em dia, são conhecidos como práticas diabólicas. Apesar dos discursos de depreciação dessas práticas, elas prevalecem até hoje.

Além disso, ser katandera na sociedade guineense era um fenômeno que provocava preconceito. As pessoas de outras etnias, e por influência das religiões não africanas, informados por seus ensinamentos, sempre costumavam olhar para essas mulheres com uma visão estigmatizante, associando-as a uma dimensão diabólica. A estigmatização se dá também por conta das suas vestimentas. Em função desse simbolismo, as pessoas sempre olhavam para elas como satânicas, porque, muitas dessas cores, se vê nas *balobas*. Apesar disso, grande parte do povo pepel continua acreditando e servindo aos seus ancestrais e poucas pessoas professam a fé cristã e muçulmana. Porque não adianta ser pepel sem estar cumprindo com algumas demandas ritualísticas, já que é com o cumprimento desses rituais que as pessoas terão legitimidade na coletividade, fortalecendo a tradição.

Após abordar a questão de espiritualidade, propõe-se abordar o prestígio social e político das katanderas. Apesar da nossa lei magna estabelecer a laicidade no país, isso não impede que haja o preconceito. Há alguns anos atrás, essas mulheres eram vistas pela sociedade guineense como coisa que é do diabo e que não presta, mas com o passar do tempo, com a luta e visibilidade alcançada por essas mulheres, por terem passados nos programas televisivos, as pessoas começam a entender o valor cultural da mesma. Essa nova era tecnológica possibilita as pessoas usarem as redes sociais para falarem das suas identidades culturais, desconstruindo visões distorcidas sobre um determinado grupo.

Nessa linha de pensamento, o carnaval é uma manifestação cultural que traz à tona essas vivências. No país, o órgão principal que realiza o carnaval é o ministério de cultura e desporto. Nos dois últimos dias do desfile pré-carnaval que acontece em algumas regiões do país, grupos culturais e regionais são convidados para o setor autônomo para concorrerem, cada grupo social apresenta a sua cultura. As katanderas são representadas simbolicamente, isto é, as pessoas se vestem como elas. Além disso, as mesmas têm contribuindo bastante no crescimento da economia guineense. Muitas delas se organizam e fazem *abota*, o que no Brasil se chama de

ponto de caixa, uma forma simbólica de solidariedade comunitária, porque elas mesmas se organizam em forma de grupo, o que podemos nominar de solidariedade social.

Na Guiné-Bissau, os políticos buscam sempre os seus votos ao lado dessas mulheres. No momento de campanha, eles vão junto delas e, na comunidade, elas protagonizam o diálogo entre políticos e a comunidade. Por meio dessa intervenção, a comunidade acaba ganhando, pedem a construção de escolas comunitárias, estádio de futebol, posto hospitalar ou ainda lugares de lazer para as crianças. Outrossim, vale frisar que essas *katanderas* também participam ativamente na política guineense, são ativistas, falando das suas crenças como parte integrante da humanidade. Nos dias atuais têm emergido muitos músicos tradicionais com vídeos lançados nas plataformas digitais, nas redes sociais e no youtube, onde as *katanderas* são retratadas.

Por conseguinte, diríamos que a imagem das *katanderas*, atualmente, é vista como nunca. Como disse Diop citado por Sall (1989), é preciso resignificar a nossa história, porque, desde sempre, ela vem sendo contada por pessoas que não são da nossa realidade. Em suma, as mulheres *katanderas* sempre tiveram e têm uma importância significativa na estrutura social do povo *pepel*. Destarte, a importância dela por meio da sua função ancestral e social é crucial para a transmissão do legado ancestral para as gerações vindouras, para que as suas vivências possam seguir firmes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo/estudo observou-se que as mulheres *katanderas* têm exercido um papel extremamente importante nas vivências do seu grupo social e não só, também se constata que as funções desempenhadas por elas extrapolam o universo das *balobas* a serviço dos seus ancestrais, mas que podemos vê-las ocupando outras dimensões da vida social, principalmente no âmbito da política, na tomada das decisões junto à comunidade. Quando se fala da liderança dessas mulheres, é possível salientar que a respeitabilidade, fortalecimento cultural do povo *pepel* e a guarda da memória ancestral se prevalece; prevalecer não no sentido que nada na cultura muda, mas, sim, na preservação do legado dos nossos antepassados na condução da vida cotidiana em comunidade.

No artigo, podemos constatar também, em alguns autores do ocidente, uma visão reducionista ao abordar matrilinearidade e matriarcado. Isto é, os estudos antropológicos coloniais do século XIX, como os de Friedrich Engels, colocaram a população africana e as suas culturas numa situação desumana, em que comparavam o matriarcado à poliandria,

concebendo esta como uma forma de organização promíscua. Ao passo que a matrilinearidade era reconhecida como justaposta ao matriarcado, gerando assim a concepção de que as sociedades que tinham esta forma de organização estariam em um estágio primitivo de evolução e que a paternidade era desconhecida nos grupos com menor complexidade socioeconômica. Para esses autores, isso colocava as mulheres em uma situação de poder dentro desses grupos.

De forma antagônica, Diop citado por Sall (1989) e Oyewumi (2019) trazem uma abordagem diferente. Esse autor afirma que a procedência da humanidade se iniciou na África e que essa organização matrilinear não consistia em um domínio da mulher sobre o homem, mas, sim, em uma divisão dos direitos e responsabilidades, fazendo com que houvesse um equilíbrio na organização social. Oyewumi (2019) afirma que os papéis sociais que as mulheres ocupam desde sempre não se baseia no sexo biológico, mas estão mais vinculadas a senioridade já que a senioridade privilegia as relações sociais ao invés do tipo de corpo. Essa observação nos permite pensar como as categorias ocidentais e sua universalização não conseguem explicar as especificidades desse povo dito “outro”.

A conclusão que chegamos com esta pesquisa, por meio de entrevistas realizadas e de consultas de bibliografias, é que as mulheres katanderas não só servem aos seus ancestrais e muito menos ficam apenas nas esferas domésticas. Diferentemente do modo de organização social ocidentalizado, que coloca as mulheres no lugar de incapazes de ocuparem os espaços decisórios, as mulheres Katanderas são protagonistas em suas comunidades no sentido espiritual, social, político e econômico. Essa forte presença e articulação das mulheres katanderas não é à toa, ela está atrelada à própria história cultural do povo pepel, à sua reprodução e continuação.

Este trabalho, justifica-se, portanto, pois poderá servir como base para auxiliar a comunidade acadêmica e também o povo pepel para que a futura geração pepel não perca de vista sua identidade cultural e possa saber de perto a realidade histórica do seu povo e de tudo que está em volta de si. Concomitantemente, o estudo contribuiu para meu autoconhecimento como pepel guineense e africano ao poder desconstruir esse olhar de subestimação que recai sobre os povos não europeus.

Em suma, a realização dessa pesquisa foi um desafio tremendo, pois, durante a investigação, notou-se a escassez de material bibliográfico sobre o tema. A produção desse artigo dará ânimo para as (os) futuras (os) pesquisadoras (es) interessadas/os neste tema. Salienta-se que as ciências como um todo não são perfeitas e muito menos estagnadas, como as coisas fluem no tempo e no espaço, assim também as ciências sofrem alterações/modificações.

Esse artigo pode ser, portanto, propulsor na produção de mais pesquisas sobre o tema de modo a tornar a produção bibliográfica menos escassa.

A minha sugestão para os futuros pesquisadores/as que supostamente vão ter contato com este trabalho é que não se limitem em nutrir apenas o que foi abordado neste artigo, mas que busquem informações sobre a temática. Essa busca pode ser com pessoas que pertencem ao povo pepel; a busca pela informação deve ser ainda mais alargada para que possamos fortalecer o conhecimento do povo pepel no mundo acadêmico. Só assim vamos saber sobre outras culturas e saber respeitar as diferenças, pois nenhuma coletividade humana vive sem cultura, vivemos nos manifestando culturalmente de modo diferente um do outro e é justamente aí que está a riqueza da diversidade humana.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou, Ampaté. A tradição Viva. In: ISKANDER, Z. (org). **História Geral da África**. Vol. 1. São Paulo: África, Unesco, 1980. P. 181-218

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

BOTELHO, Isaura. **DIMENSÕES DA CULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA**, 15(2) 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?format=pdf&lang=pt>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CORREIA, S. Sandro. A importância das mulheres do candomblé no desenvolvimento de Cachoeira, BA. **Odeere: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**. ISSN 2525- 4715. Ano 2, número 3, volume 3, Janeiro – Junho de 2017.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas. SÃO PAULO EM PERSPECTIVA**, 15(2) 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?format=pdf&lang=pt>

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, W. **Ensaio Filosófico**, Volume XIII – Agosto/2016

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: I fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, Caroline. Por que o candomblé sacrifica animais? **Alma preta**, 2022. Disponível em: < <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/por-que-o-candomble-sacrifica-animais>> acessado em 15 de dez. 2022.

OLIVEIRA, F. C. O MATRIARCADO E O LUGAR SOCIAL DA MULHER EM ÁFRICA: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. **ODEERE**, 3(6), 316-339. <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4424>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4424>

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Divinizando o Conhecimento**: a questão do homem em ifá. Tradução realizada por Aline Matos da Rocha. Goiás. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/kE6MuQ> Acesso em: 15 de dez. 2022.

PEIRANO, Mariza. **Rituais**: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED, 2003.

PIRES, Antonio, Inaida. Abe África: Onkonte Aka Epro Banha? Por que a barriga pede tanto? Uma etnografia sobre o casamento do povo Pepel da Guiné-Bissau. **Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v.6, n.6, Outubro de 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/48607/26590>

PORFÍRIO, Francisco. "Diversidade cultural no Brasil"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-diversidade-cultural-no-brasil.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2022.

ROLEMBERG, Igor. Pesquisar junto aos mortos. In: **CAMPOS**, V.22 N.1 P. 289-307 JAN.JUN. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SALL, Babacar. «Histoire et conscience historique: de la philosophie de l'histoire dans l'oeuvre de Cheikh Anta Diop» in: **Présence Africaine**, 1989/1 (n° 149-150).

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16.ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.